

O papel da escola como instrumento de combate ao preconceito linguístico

Maria Luciléia Gonçalves da Silvaⁱ 

Universidade Regional do Cariri, Campos Sales, CE, Brasil

1

Resumo

O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma discussão acerca da sociolinguística, além de compreender a influência da escola no combate ao preconceito linguístico. A metodologia utilizada foi à revisão bibliográfica, onde foram analisadas obras que tratam desta temática. É dever da escola, como uma ferramenta de formação científica, humana e social conscientizar os alunos sobre a formação da linguagem, pois a maneira de falar, muitas vezes tem intrínseca relação com a cultura de cada região. Outrossim, o professor deve ter a consciência de mostrar aos alunos que embora se tenha uma linguagem culta, existem outras manifestações linguísticas que são formadas dentro da cultura e dos costumes de cada um. Entretanto, para que haja a redução da discriminação linguística, infere-se que o primeiro passo é a conscientização acerca das variedades de manifestações da língua, que deve ser respeitada para que possa acontecer a diminuição da segregação social.

Palavras-chave: Cultura. Sociolinguística. Social. Preconceito.

The role of the school as an instrument to combat linguistic prejudice

Abstract

The aim of this work was to develop a discussion about sociolinguistics, in addition to understanding and linguistic prejudice, in addition to understanding the school's influence in combating linguistic prejudice. The methodology used was the bibliographic review, where works that deal with this theme were analyzed. It is the duty of the school, as a scientific, human and social training tool to make students aware of language formation, as the way of speaking often has an intrinsic relationship with the culture of each region. Furthermore, the teacher must be aware of showing students that although there is a culture's language, there are other linguistic manifestations that are formed within the culture and customs of each one. However, in order to reduce linguistic discrimination, it appears that the first step is to raise awareness about the variety of language manifestations, which must be respected in order to reduce social segregation.

Keywords: Culture. Sociolinguistics. Social. Preconception.

1 Introdução

2 O Brasil tem uma ampla miscigenação cultural, tendo influências europeias, africanas e indígenas se tornando assim um país multicultural desde o seu período de colonização. E essa mistura enraizada no solo brasileiro não se limita aos aspectos culturais e sociais, se estendendo também aos aspectos lingüísticos, contribuindo para uma grande variedade de dialetos e manifestações lingüística.

Em decorrência da supervalorização da língua culta e do ensino voltado para os códigos normativos, estas variações de falares não são trabalhadas de forma efetiva no meio educacional o que reflete em um grande paradigma em relação ao preconceito lingüístico na sociedade, onde a escola pode contribuir para a manutenção deste preconceito quando ela trabalha apenas a norma culta, mas pode contribuir no combate a esse prejuízo social através da compreensão ampla da linguagem. “Quando se fala em linguagem, pode-se defini-la como uma série de códigos que podem ser transmitidos e compreendidos através da fala, da leitura, da arte e do corpo, estando presente em todo o universo cultural e social” (LIMA *et al.* 2020, p. 102017).

As proposições metodológicas do professor e da escola são preponderantes para que esse preconceito seja diminuído, pois através do entendimento das variedades lingüísticas, se possa explicar os processos de variações na linguagem. Como afirmam Coan e Freitag (2010):

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (também chamada Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana) tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. A língua é vista pelos socio linguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. O domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos indivíduos. (2010, p. 175)

Os postulados sociolingüísticos defendem que a língua é heterogênea e sua variação é uma característica inseparável da língua, sendo essas variações



influenciadas por diversos fatores: social, geográfico, sócio-econômico, faixa etária e sexo.

Destarte, surge um questionamento, como a escola pode identificar e combater esse o preconceito lingüístico? Segundo Câmara Júnior (1976), a variação lingüística é perceptível na escola. Para que ela ocorra é necessário o professor criar um ambiente propício para essa percepção. Quando se privilegia um falar e exclui-se o outro, como muitas vezes pode ser notado na cultura escolar desfavorece o rompimento desta problemática. Destarte, para sanar esse preconceito, os fatores sociais e culturais devem ser levados em consideração.

O professor deve propiciar aos alunos uma formação pautada na “participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso da linguagem” (BRASIL, 2017, p. 481). Ampliando-se a compreensão crítica dos alunos acerca dos aspectos sociais e culturais.

O presente trabalho tem como objetivo compreender a sociolingüística e o preconceito lingüístico na escola, bem como compreender a influência da escola nos aspectos sociolingüísticos, trazendo subsídios para a ampliação da compreensão dos aspectos da linguagem, corroborando para a diminuição deste preconceito.

A temática abordada nesta pesquisa se torna indubitavelmente relevante, pois busca a compreensão dos fatores que acarretam o preconceito lingüístico, visando conscientizar a sociedade, a escola, as classes mais altas, de que a cultura do país foi desenvolvida a partir de diversas outras culturas e diminuir, ou até mesmo excluir esse fator acarreta em prejuízos sociais.

2 Metodologia

Esse estudo fundamenta-se como uma revisão bibliográfica, ocupando-se na elucidação de fenômenos, buscando constatar semelhanças e elucidar divergências, ocupando-se com a explicação de um acontecimento, buscando compreender “os elementos constantes, abstratos e gerais” (LAKATOS E MARCONI, 2007, p. 107).





O estudo baseia-se na compreensão de um fenômeno, observando aspectos descritivos, comparativos e interpretativos (YIN, 2005).

Foram realizadas leituras de diversos trabalhos que abordam a temática em questão, embasados nas seguintes bases: SCIELO, PUBMED e LILACS, mediante utilização dos descritores: “Preconceito Linguístico”, “Linguagem e Escola”, e “Sociolinguística”, além da utilização de livros de autores relevantes que tratam da temática em questão.

Os critérios de inclusão para leitura dos resumos foram obras em português, que apresentassem uma abordagem que tratasse do preconceito lingüístico, tendo a escola como uma ferramenta de reflexão e inclusão social, adequando-se aos objetivos deste trabalho. Após a leitura dos trabalhos, foram critérios para exclusão: Indisponibilidade completa gratuita em meio eletrônico e trabalhos que não tratavam do preconceito lingüístico na escola.

3 Resultados e Discussão

Preconceito linguístico e sociedade

O preconceito linguístico deriva da comparação equivocada sobre o que se apresenta nas diretrizes gramaticais e nos dicionários com as maneiras que as pessoas têm de falar, que dependendo da cultura, são bem diferentes. Esta língua trabalhada inspira-se na literatura aplicada, nas alternativas subjetivas dos próprios estudiosos da gramática, nos códigos da gramática latina (ARRUDA E SIQUEIRA, 2020).

Torna-se puramente impraticável que alguém escreva e, sobretudo, fale segundo esses códigos normativos, ou seja, a maneira de cada um se expressar é subjetiva e construída culturalmente porque eles se apresentam e, principalmente, prescrevem uma língua artificial, excedida, que não mostra os usos legítimos de nenhum grupo atual que fala Português, nem no Brasil, nem em Portugal, nem em qualquer outra região do mundo onde a idioma é pronunciado. “O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua





ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários” (BAGNO, 2007, p. 40).

Bagno (2007) aponta alguns costumes que desencadeiam o preconceito lingüístico, podendo ocorrer prejuízos na aprendizagem dos alunos. “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” (BAGNO, 2007, p. 15). Este mito não reconhece a pluralidade cultural brasileira, reconhecendo a escola como a única ferramenta para a linguagem. “As pessoas sem instrução falam tudo errado” (BAGNO, 2007, p. 40).

Não existe uma única forma de falar e de se expressar no Brasil, tendo em vista que a cultura predominante em cada região expressa à maneira de cada pessoa falar, mas quando a linguagem foge da escola, da gramática e do dicionário, há uma associação de fala errada, mas o que ocorre são manifestações das variedades lingüísticas. Segundo Brasil (1997):

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais, identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há alguns preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: É muito comum se considerarem as variedades lingüísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (BRASIL, 1997, p. 26).

O português brasileiro não apresenta uma unidade surpreendente, mas sim uma variedade enorme de dialetos, gírias e expressões, e não existe o certo e o errado ao se expressar, independentemente do nível de instrução do falante, mas sim a necessidade de adequar a fala à situação em que vai utilizá-la.

A principal fonte do preconceito lingüístico, no Brasil, está ligada na maioria dos casos a discriminação que as classes sociais mais baixas sofrem pela comparação que fazem entre a sua forma de falar e a forma considerada correta pelos códigos normativos da língua. Segundo Preti (2003):

(...) A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros e significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação lingüística (...) (2003, p. 1-2).





Sendo o preconceito linguístico uma das problemáticas nas vertentes linguísticas, a sociolinguística busca amenizar esse problema, e o primeiro passo para isso é a compreensão da supremacia e rigidez das normas gramaticais, onde através da criação de estereótipos sobre a maneira certa e errada de falar, faz com que esse preconceito esteja presente na sociedade em geral. Conforme Bagno (2006):

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida à confusão que foi criada, no curso de história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma Culta.” Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo resto da língua – afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia gerada pelo preconceito linguístico (2006, p.9-10).

Função social da escola

Inferre-se que a origem do preconceito linguístico é de ordem social, assim como as demais formas de preconceito. Para que essa problemática venha a ser solucionada, é necessário que aja uma postura pedagógica reflexiva por parte do professor. Através da ação da escola é possível a conscientização dos alunos, para que compreendam os amplos processos comunicativos.

É perceptível, que a prática do preconceito linguístico esteja intrinsecamente ligada a rigidez da gramática normativa, havendo o conflito com a variedade linguística, o que pode acarretar em falsas compreensões, destarte, a sociolinguística busca a diminuição desse problema. A rigidez da gramática normativa desvaloriza a grande linguística, que possui, no Brasil, uma grande diversidade. Com isso, ressalta Bagno (1999):

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas à educação e à cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão. O reconhecimento da existência de muitas normas linguística é fundamental para que o ensino em





nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não padrão (1999 p.18-19).

7

Sendo assim, o respeito à diversidade linguística se torna também respeito à diversidade histórica e cultural de cada povo, sendo que cada região tem seus costumes, hábitos e falares, o respeito pela diversidade da língua leva em consideração o respeito pela particularidade regional, reconhecendo que as línguas são heterogêneas.

Segundo Soares (2000), considerando o fato de que a escola é um ambiente onde se encontram pessoas de regiões diversas e consequentemente variedades linguísticas, cabe a essa instituição trabalhar com essas variáveis, abordando sobre a importância dos dialetos regionais, das diversas faces da língua e também, a importância do respeito com essas variedades, formando assim cidadãos com competência de agir pela linguagem em todos os âmbitos sociais, e que consigam fazer escolhas na forma de se expressar de maneira coerente e autônoma.

Dessa forma os professores precisam primeiramente informar aos alunos que a comunicação não ocorre de uma forma exata e estereotipada, pois ela é determinada pela cultura de cada povo. A escola, como uma ferramenta de emancipação humana, deve corroborar para a diminuição do preconceito linguístico, formando um cidadão crítico e reflexivo.

Função social do professor

No Brasil, vive-se a problemática da desigualdade social que atinge milhões de brasileiros e o preconceito linguístico entra nesse paradigma, onde as pessoas são julgadas pela maneira como falam. O Brasil é um país multicultural em vários segmentos, e um deles em relação a linguística, que cada região, influenciada pela sua cultura, usa determinadas expressões, quando uma pessoa tem alguma surpresa, no nordeste se diz “oxente”, na região Sudeste, mais precisamente em Minas Gerais, usa-





se “uai”, na região Norte, mais precisamente no estado do Amazonas usa-se a expressão “ê caroço”.

Essas diversas expressões para um mesmo sentido mostram o quão plural é a linguagem brasileira.

8

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano lingüístico, atores não-nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão (BAGNO, 2006, p. 44).

Dentro dessa pluralidade de palavras, evidencia-se que não existe uma única maneira de falar, cada região do Brasil possui suas particularidades que devem ser compreendidas e respeitadas por todos os segmentos sociais. Para Carvalho (2011), a realidade da língua é sua própria variação, respeitar as variáveis e variantes é respeitar a própria língua e cultura humana.

A escola é uma ferramenta que deve ser usada para a diminuição do preconceito lingüístico, e o professor deve fazer a mediação entre o aluno e o a compreensão do processo de comunicação. E para que essa função seja cumprida de forma eficaz é preciso que o educador tenha um amplo conhecimento teórico no que o funcionamento social da linguagem para que ser um mediador entre o conhecimento e o aluno, na orientação da aprendizagem e formação crítico, social e profissional dos alunos. Segundo Carvalho (2011), uma alternativa para essa mudança seria conversas abertas com os discentes, fazendo-os refletir sobre todo o processo lingüístico entendendo que em nossas interações sociais, cada ser humano se expressa de distintas maneiras, fazendo-os compreender que existem lugares, hábitos e condições diferentes em cada lugar e por vários motivos, cada pessoa utiliza signos e códigos diferentes.

A língua não é homogênea, e não há um comportamento social e lingüístico idêntico, pois cada pessoa se expressa de maneira diferente, e cada um tem seus



valores sociais e culturais tornando as compreensões dos signos e manifestação dos códigos subjetivos a cada ser humano.

Segundo Santos; Souza e Fontes (2020) é notória a importância do professor na escola, onde através das situações de interação na escola, utilizando ferramentas metodológicas atuais, deve realizar experimentos para que possa ampliar a curiosidade dos alunos, possibilitando o levantamento de hipóteses e a solução de problemas. Belo; Oliveira e Silva (2021), enfatizam:

O professor precisa estar ciente do seu papel dentro do ambiente escolar, sempre disposto a adaptar o seu planejamento às condições dos seus alunos, buscando um aperfeiçoamento do seu trabalho e fazendo com que os educandos se tornem construtores do conhecimento junto com a sua mediação (BELO; OLIVEIRA E SILVA, 2021, p. 4).

Um dos grandes desafios do professor é fazer essa mediação para que o educando compreenda todo o processo linguístico. Para Marcuschi (2007), o uso correto da língua não está associado ao ato de falar ou escrever bem aplicando regras da língua, mas consiste em utilizar a língua de maneira adequada, produzindo o sentido pretendido numa determinada situação. A maior relevância no emprego linguístico não se trata de produzir um texto com normas perfeitas, mas sim, desenvolver um discurso significativo, adequando à comunicação linguística às diversas situações sociais.

“Abordar a profissão docente é mencionar um campo de atuação complexo, que se tornou alvo de discussões e reflexões” (SILVA E CORRÊA, 2020, p. 61). Outrossim, o professor deve estar pautado sobre aspectos metodológicos eficazes, para que a através da aplicação desses métodos ele possa contribuir para o desenvolvimento humano, fomentando um aluno consciente, capaz de refletir, compreender e respeitar as manifestações culturais e sociais e possa exercer sua cidadania de maneira autônoma, sempre objetivando a sua evolução integral.

4 Considerações finais



Fica evidente que o preconceito linguístico realmente está interligado à sociedade. Destarte, metodologias que trabalhem com a variedade e preconceito linguístico ainda não são efetivos na escola. A aplicação da sociolinguística, objetiva apontar que as diversas maneiras de falar e se expressar nascem a partir de fatores sócio-culturais e que estão intrinsecamente ligados à cultura humana.

O preconceito linguístico é causado pela falta de conhecimento dos alunos e a pouca reflexão metodológica de alguns professores, que não buscam refletir sobre os aspectos sociais relacionados aos processos de comunicação do ser humano, o que acaba acarretando na intolerância para com as variedades linguísticas. A escola como um centro de formação científica, humana e social, deve conscientizar os alunos sobre a formação da linguagem, pois ela, muitas vezes é formada de acordo com a cultura de cada região. Dentro deste aspecto, os conteúdos não devem ser engessados, sendo ensinado apenas aquilo que está no livro, é necessário problematizar e refletir sobre todos os conteúdos.

Sendo assim, é necessário sabedoria por parte do professor para ensinar a gramática normativa, sem excluir as variedades linguísticas. “Os educadores não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas” (GADOTTI, 2000, p. 10). Para ensinar, o professor deve ter o conhecimento amplo da sua prática pedagógica, propiciando mecanismos para que o aluno saiba “refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua” (BRASIL, 1998, p. 59).

Bezerra; Velozo e Ribeiro (2021) enfatizam que o emprego de processos metodológicos ativos pode impulsionar a reflexão crítica dos alunos acerca da linguagem, minimizando as dificuldades pedagógicas. O professor deve ter a consciência de mostrar aos alunos que embora se tenha uma linguagem culta, existem outras manifestações da língua que são formadas dentro da cultura e dos costumes de cada um, para que assim o aluno conheça diferentes dialetos e aprenda a respeitá-los,





evitando, com isso, a propagação do preconceito e discriminação dentro do âmbito escolar, o que refletiria também na vida social desses alunos.

Referências

11

ARRUDA, J. S. SIQUEIRA, L. M. R. de C. Metodologias Ativas, Ensino Híbrido e os Artefatos Digitais: sala de aula em tempos de pandemia, Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - **Rev. Pemo**, 2020. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/4292>

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico - o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico - o que é, como se faz**. 40ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. Parábola: São Paulo, 2007

BELO, P. A. de P.; OLIVEIRA, R. M de; SILVA, R. C da. Reflexos da relação professor-aluno para a aprendizagem no contexto formal de ensino. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 2, e323880, 2021. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3880>

BEZERRA, N. P. X; VELOZO, A. P; RIBEIRO, E. Ressignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 2, e323917, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3917>

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

CÂMARA JR. J.M. **Problemas de Linguística Descritiva**. Vozes, Petrópolis, RJ. 1976





CARVALHO, S. C. de. Palestra sobre Atitudes Linguísticas do professor em sala de aula. In: **Especial semana nacional de ciência e tecnologia**, Engenho Massangana/Fundaj, Recife 21/10/2011. Disponível em: www.engenhomassangana.wordpress.com

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológico e propostas de ensino. **Revista eletrônica de Linguística**, v. 4, n. 2, p. 174-194. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/dominiodelinguagem/article/.../6863

12

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **Perspectivas**, v.14, n.2, São Paulo, 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, G. A; PREIRA, A.H.M; SILVA, M.L.G da; SILVA, C.R.F da; NEVES, A.J.R; Interfaces da linguagem: Escola e cultura. **Brazilian Journal. of Development**, Curitiba, v. 6, n.12, p.102016-102024, dez. 2020.

PRETI, D. F. **Sociolinguística: os Níveis da Fala**, EDUSP, São Paulo, 2003.

SANTOS, S. C. M. dos. SOUSA, J. R. de, FONTES, A. L. de L. Protagonismo estudantil em feira de ciências na escola. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 5, n. 3, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/2151>

SILVA, K. F. M da. CORRÊA, C. P. Q. Atratividade docente entre os ingressantes no curso de pedagogia. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.5, n.13, p. 59-78, jan./abr. 2020 DOI: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1468>

SOARES, M. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

YIN. R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

¹Maria Luciléia Gonçalves da Silva, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6085-4559>

Graduação Universidade Estadual do Cariri

Graduanda em Letras pela Universidade Regional do Cariri – URCA/CE. Realiza pesquisas nas áreas da sociolinguística, Escola e comunicação, aspectos socioculturais da educação e avaliação escolar.

Contribuição de autoria: A autora idealizou o projeto e desenvolveu todo o estudo e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1732097294103561>

E-mail: leynhasilva_20@outlook.com





Editora responsável: Cristine Brandenburg
Especialista *ad hoc*: Bruna Germana Nunes Mota

Como citar este artigo (ABNT):

SILVA, Maria Luciléia Gonçalves da. O papel da escola como instrumento de combate ao preconceito linguístico. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 2, e324614, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.4614>

13

Recebido em 15 de janeiro de 2021.
Aceito em 14 de fevereiro de 2021.
Publicado em 15 de fevereiro de 2021.

